

## **Cidade (Des)conectada: A Representação das Favelas do Rio de Janeiro na Plataforma “Além do Mapa” do Google<sup>1</sup>**

Ivison SPEZANI<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

### **Resumo**

Este é um trabalho no campo da comunicação com ênfase nos estudos da representação, cujo objetivo é apresentar de que forma as favelas do Rio de Janeiro estão sendo representadas na plataforma "Além do Mapa" do Google. Através do uso de tecnologia de vídeo 360° o objeto em análise cria uma plataforma imersiva e interativa retratando as favelas cariocas, seus comércios, residências e as histórias de alguns moradores. Apesar de ter como hipótese a ressignificação das favelas e a tentativa de integrá-las à cidade, ao utilizar um determinado discurso para encobrir ou minimizar problemas sociais, pode acabar não englobando a complexidade do tema e das diferentes comunidades.

**Palavra-chave:** representação; favela; vídeo 360; Google Maps; plataforma Além do Mapa

### **1. Introdução**

Ao longo da história a cidade vem tornando-se objeto de interesse dos estudiosos que buscam em diferentes campos e disciplinas uma conceituação que abarque o múltiplo, complexo e pluridimensional fenômeno urbano. Para este estudo cabe a definição do sociólogo Robert Park, segundo o qual, cidade é:

a tentativa mais coerente e, em termos gerais, mais bem-sucedida de refazer o mundo em que vive, e de fazê-lo de acordo com seus mais profundos desejos. Porém, se a cidade é o mundo criado pelo homem, segue-se que também é o mundo em que ele está condenado a viver. Assim, indiretamente e sem nenhuma consciência bem definida da natureza de sua tarefa, ao criar a cidade o homem recriou a si mesmo. (PARK, 1967, p.3)

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação Multimídia do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Especialista em Comunicação e Imagem (PUC-Rio) e Mestrando em Comunicação Social da PUC-Rio, e-mail: ivisonspezani@gmail.com

Esta relação direta entre o tipo de cidade que existe e a que se deseja, não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que se quer ser, que tipo de relações sociais busca-se, que estilo de vida deseja, bem como quais são os valores estéticos. Através deste prisma, vê-se como a cidade do Rio de Janeiro apresenta-se como uma das cidades mais bonitas do mundo, com maravilhas naturais, samba, carnaval e povo feliz. Entretanto há uma outra face que se faz visível ao olhar as encostas de suas montanhas, no qual encontram-se "cidadãos" às margens da sociedade, socialmente excluídos e discriminados, parecendo morar separadas do estado. (ARIAS, 2006, p.194).

## **2. Cidade: desconectando espaços**

A narrativa de Zuenir Ventura, disposta sobre a forma do livro “Cidade Partida”<sup>3</sup>, traçou um panorama da cidade do Rio de Janeiro apresentando-a com uma configuração dividida entre favela e asfalto. Seu relato inicia-se em um momento crucial que é a reforma de Pereira Passos, em 1904, da qual se originaram os primeiros movimentos para uma política permeada pela exclusão social. Tal reforma, visando uma modernização da cidade aos modelos parisienses, expulsou a população pobre que ocupava a região central da cidade, obrigando-a a morar em morros ou subúrbios. Nasceu aí a primeira favela carioca, localizada no bairro do Santo Cristo e Gamboa, a Providência. As obras realizadas pelo prefeito acabaram por definir zonas específicas pela cidade, o centro para os negócios, a Zona Sul para os abastados e os subúrbios para a população pobre (GONÇALVES, 2003).

Assim, percebe-se que em geral, são os pobres, os desprivilegiados e marginalizados do poder político, os mais sofridos com esse processo. Este tipo de ação, como afirmou Friedrich Engels, apresenta sempre os mesmos resultados, ou seja, “os becros imundos desaparecem, para a grande alegria da burguesia, que se autocongratula por ter contribuído para o enorme sucesso das transformações, mas tudo reaparece imediatamente em outro lugar” (ENGELS, 1935, p.74).

Passou-se então a viver cada vez mais em uma cidade dividida, fragmentada, propensa a conflitos. Assim, conforme afirma David Harvey, “o modo como vemos o

---

<sup>3</sup> VENTURA, Z. Cidade Partida. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

mundo e definimos possibilidades depende do lado da pista em que nos encontramos e a que tipo de consumismo temos acesso.” (HARVEY, 2014, p.47)

Neste sentido, Zygmunt Bauman também identificou no comportamento burguês das cidades, o desejo de isolar-se corpórea e materialmente em áreas de moradia das elites, construindo para si, espaços proibidos na tentativa da ruptura com a vida urbana (BAUMAN, 1999, p.27-28). Trata-se de uma "divisão simbólica" que classifica socialmente as pessoas segundo sua ocupação no espaço (RIBEIRO, 1997, p.116), o que também Souza (2000) definiu como "fragmentação do tecido sócio-político espacial".

Essas "territorialidades excludentes" que promovem divisão física entre os espaços seguros das comunidades privilegiadas e os espaços onde vivem as comunidades desprivilegiadas, muitas vezes territórios com total ausência do Estado, não é apenas espacial, levando também à segregação social entre classes. (AMARAL, 2010, p.40). “Cada segmento parece viver e funcionar autonomamente, agarrando-se com todas as forças ao que conseguiu para si na luta cotidiana pela sobrevivência” (HARVEY, 2014, p.49). Casas passam a ser construídas para proteger seus habitantes, e não para integrá-los nas comunidades às quais pertencem. (GUMPERT; DRUCKER, 1998, p.427). Assim, cada vez mais se transformam em “cidades de fragmentos fortificados, de comunidades muradas e de espaços públicos mantidos sob vigilância constante” conforme afirmou Harvey, e que a cidade tem ficado nas mãos de interesses privados.

Muito mais estritamente confinado, na maior parte dos casos, nas mãos de uma pequena elite política e econômica com condição de moldar a cidade cada vez mais segundo suas necessidades particulares e seus mais profundos desejos. (HARVEY, 2014, p.68)

O relato de Zuenir Ventura citado anteriormente retrata uma divisão binária do Rio de Janeiro entre Zona Norte e Zona Sul, entretanto, a cidade partida hoje tem suas dimensões ampliadas e não pode mais ser dividida apenas entre Zona Norte e Zona Sul, estendendo-se a todo espaço geográfico (SILVA, 2009, p.32). As favelas hoje mesclam-se a todos os demais bairros e zonas da cidade, porém continuam separadas, apresentando um aspecto que está cada vez mais presente quando o assunto é a ocupação do espaço urbano, o desencontro. Os ocupantes das cidades deveriam se

encontrar, travar batalhas, conversar, discutir, debater ou concordar “levantando seus problemas particulares ao nível de questões públicas e tornando as questões públicas assuntos de interesse privado” (BAUMAN, 1999, p.28). A fusão da cidade só poderá resultar de uma “experiência compartilhada, e certamente não se pode pensar em compartilhar uma experiência sem compartilhar um espaço.” (BAUMAN, 2009, p.51). Para Marshall Berman, “as ruas pertencem ao povo”, porém, ao longo de todo o século XX, “espaços urbanos têm sido sistematicamente planejados e organizados para assegurar-nos de que confrontos e colisões serão evitados” (BERMAN, 1986, p. 158).

Estas reflexões nos levam a pensar como as cidades estão se tornando cada vez mais não cidades, "na medida em que sua essência vem solapada por projetos conservadores de cidade de classes dominantes" (FERNANDES, 2005, p.7). Trata-se da criação de lugares isolados, que fisicamente se situam dentro da cidade, mas que socialmente, estão fora dela. Hoje a cidade é feita de muros, de barreiras físicas por todo lado, “a nova estética da segurança decide a forma de cada tipo de construção, impondo uma lógica fundada na vigilância e na distância” (CALDEIRA, 1997, p.159). É clara a intenção destas ações de “dividir, segregar, excluir, e não de criar pontes, convivências agradáveis e locais de encontro, facilitar as comunicações e reunir os habitantes da cidade.” (BAUMAN, 2009, p.25). Neste sentido, deve-se levar em conta que é por base num discurso e numa classe civilizatória que as classes dominantes constroem novas estratégias de controle e regulação da vida social (PECHMAN, 2002).

Em seu livro, "O direito à cidade"<sup>4</sup>, o filósofo Henri Lefebvre (1969) expõe de que forma a vida urbana foi-se deteriorando através das ações burguesas. O urbanismo foi apontado, por este autor, como o principal instrumento modificador do espaço da cidade, resultando em uma estratégia de classe. Tal ação, segundo o filósofo, vai contra o direito à cidade como um direito fundamental constitucionalmente garantido, em que se define a não exclusão da sociedade urbana das qualidades e benefícios da vida urbana. Assim, o direito à cidade é, portanto, muito mais do que apenas o direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora, segundo David Harvey, “é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos”. O mesmo autor considera ainda que é um direito mais coletivo que individual, “uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de

---

<sup>4</sup> LEFEBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Moraes, 1991

um poder coletivo sobre o processo de urbanização”. Segundo Harvey, esse direito à cidade é a liberdade de fazer e refazer-se a nós mesmo e a nossas cidades e entende-lo não como um direito ao que já existe, mas como um direito de:

Reconstruir e recriar a cidade como um corpo político socialista com uma imagem totalmente distinta: que erradique a pobreza e a desigualdade social e cure as feridas da desastrosa degradação ambiental. (HARVEY, 2014, p.247)

### 3. Favelas: erro na conexão

Ainda hoje, ao acessar o *Google Maps*<sup>5</sup>, um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélites gratuito na web e desenvolvido pela empresa Google, algumas áreas da cidade do Rio de Janeiro contém imagens de blocos cinza, locais onde estão localizadas as favelas, significando que não se pode navegar com precisão por esses locais. O mapeamento e o acesso acontecem até os limites dessas áreas. Através deste prisma, percebe-se o tipo de tratamento que se tem tido com relação às favelas cariocas e seus moradores.

Neste sentido, John Brian Harley evidencia o caráter discursivo nos mapas e relaciona o fato de que a construção de um mapa envolve um autor e um patrono, quase sempre o Estado, assim, os mapas por vezes seriam "imagens autoritárias e que sem estarmos conscientes disso um mapa pode reforçar e legitimar o status quo" (HARLEY, 1989, P.14). Desta forma os mapas exercem um poder simbólico, conforme afirmou Pierre Bourdieu, uma forma de violência dada através de sistemas simbólicos que "cumpram a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação" (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Além deste fator, as imagens representadas quando o assunto é favelas, quase sempre estão envolvidas com os conceitos de utopia e distopia. Portanto, torna-se necessária uma breve reflexão preliminar sobre estes temas.

Pode-se considerar utopia como um espaço ideal, criação humana, que geralmente apresenta sonhos dos quais nem sempre são viáveis, uma possibilidade imaginativa, a qual poderia ser realizada, na verdade, dependendo das circunstâncias (BAGCHI, 2012,

---

<sup>5</sup> [www.google.com.br/maps](http://www.google.com.br/maps)

p.01). “As utopias consolam, porque, se não dispõem de um tempo real, disseminam-se, no entanto, num espaço maravilhoso, abrem cidades e vastas avenidas, jardins bem cultivados, países fáceis, mesmo que o acesso a eles seja quimérico” (FOUCAULT, 1991, p.49).

Se a utopia é este lugar que ultrapassa a realidade experimentada no cotidiano, abrindo e imaginando espaços para novos horizontes, a distopia, através do estranhamento e da perplexidade vem resgatar a empatia humana pelo humano (SILVA, 2011, p.14-15).

Jacoby (2007, p.39-40), define a diferença entre utopia e distopia: “as utopias buscam a emancipação ao visualizar um mundo baseado em ideias novas, negligenciadas ou rejeitadas; as distopias buscam o assombro, ao acentuar tendências contemporâneas que ameaçam a liberdade”, ou seja, a distopia pode ser vista sempre como uma visão pessimista do futuro da sociedade em que as condições de vida são sempre miseráveis e caracterizadas pela opressão, guerra, violência e terror.

Valladares (2005, p.26) conceitua favela como um tipo de habitat pobre, em geral caracterizado por um conjunto de barracos aglomerados, sem traçado viário nem serviços públicos, construídos de forma ilegal sobre terrenos de propriedade pública ou privada. A favela hoje está "na raiz da questão social brasileira, de herança escravista, cujo tratamento hierarquizado, diferenciador e desigual, marca a construção e a manutenção da cidade e da sociedade" (ROCHA, 2012, p.49).

A literatura produzida sobre as favelas por jornalistas, cronistas, engenheiros, médicos, arquitetos, administradores públicos e assistentes sociais desde a primeira metade do século XX, tem a predominância como “território da violência, como lugar de todas as ilegalidades, como bolsão da pobreza e da exclusão social”, fazendo circular as imagens da fratura social e de uma “cidade partida” (VALLADARES, 2005, p.20). As favelas, então, são os espaços abandonados e desmembrados, aqueles que Michael Scwarzer chama de “zonas fantasmas”, nas quais “os pesadelos substituem os sonhos, e perigo e violência são mais comuns que em outros lugares” (SCWARZER, 1998, p.16). E a responsabilidade por esta condição tem recaído sobre "essa população", que parece não dominar dos códigos da vida em sociedade (ROCHA, 2012).

Em maior ou menor grau, o noticiário também reproduz uma representação hegemônica da cidade partida (VENTURA, 1994), entre morro e asfalto, onde morro

ocupa o lugar do outro, ainda que as mensagens se dirijam ao mesmo público estigmatizado do noticiário. Assim, o imaginário brasileiro interpreta o "favelado" como um tipo social homogêneo e a favela como lugar de ausência e caos social, ou seja, "o lugar da carência, do vazio, do perigo. Uma questão de estigmatização e rotulação sofrida por esses indivíduos moradores de favelas" (ROCHA, 2006, p.11).

Segundo uma pesquisa conduzida pela ONG Comunidades Catalisadoras (ComCat)<sup>6</sup> na mídia internacional, as favelas cariocas são representadas mais comumente como "locais de violência" e "locais de drogas/gangues" e o traço mais comum atribuído aos moradores das favelas é "financeiramente pobre".

Neste sentido, vemos que na maioria das vezes as favelas, em suas complexidades, acabam sendo ofuscadas e por outro lado, sobre suas mazelas, são lançados holofotes. Desta forma, as representações que se fazem delas, tanto subexpondo, quanto sobre-expondo carregam consigo a questão proposta por Didi-Huberman de como os povos estão expostos a desaparecer justamente por estarem ameaçados na sua representação política e estética:

A subexposição priva-nos dos meios para ver, pura e simplesmente, aquilo que poderia estar em causa (...) Mas a sobre-exposição vale pouco mais: demasiada luz cega. Os povos expostos à ruminância estereotipada de imagens são, também eles, povos expostos a desaparecer." (DIDI-UBERMAN, 2011, p.42)

E é desta forma que muitas vezes é negado para estas pessoas um "primeiro 'direito à imagem', anterior a toda a propriedade detida pelo indivíduo sobre a 'sua' imagem: o direito a ser incluído na imagem da humanidade comum" (RANCIÈRE, 1999, p. 17-18)

Por este prisma, constata-se que as favelas quase sempre costumam ser observadas a partir de parâmetros definidos por aqueles grupos sociais de maior poder econômico, e dessa forma, caracterizada pelo que elas não têm em comum, em termos materiais e/ou culturais com a metrópole. Esta é uma definição de espaços populares

---

<sup>6</sup> Sediada no Rio de Janeiro, a Comunidades Catalisadoras (ComCat) é uma ONG de empoderamento, comunicação, centro de estudos e defensora de favelas e publicou em dezembro de 2016 um estudo sobre a representação das favelas na mídia internacional entre 2008 e 2016: "Favelas na Mídia: como a vinda da imprensa global na era dos megaeventos transformou a imagem das favelas", disponível em <http://comcat.org/wp-content/uploads/2016/12/Relatorio-Favelas-Na-Midia-ComCat.pdf>

pela negação que acompanha todos os espaços habitados pelas populações de baixa renda nas cidades do Brasil (PERLMAN, 2013, p.3).

Neste sentido, tem-se no discurso uma ferramenta de poder utilizado para rupturas e segregação. “Assim como o discurso ‘rege’ certas formas de falar sobre um assunto, definindo um modo de falar, escrever ou se dirigir a esse tema de forma aceitável e inteligível, então também, por definição, ele ‘exclui’, limita e restringe outros modos” (HALL, 2016, p.80).

Este pensamento vincula-se às premissas de Michael Foucault que propõe uma ligação entre discurso, conhecimento e poder, sendo esta relação mais importante que a questão de sua “verdade”, sustentando a formação discursiva como um regime da verdade (HALL, 2016, p.88). “A verdade não existe fora do poder (...). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele devido às múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder” (FOUCAULT, 1984, p.10). É o tipo de discurso que cada sociedade acolhe que faz discernir o falso do verdadeiro e quem tem o estatuto de dizer o que funciona como verdadeiro.

Entretanto, há alguns estudos que destacam a necessidade de representações que levem em conta a colaboração dos próprios excluídos na sua elaboração e na definição da própria imagem como possibilidade de uma "mobilidade simbólica" na visão de que favela seria apenas um lugar de ausência e exclusão. Isso significa o deslocamento de uma visão pré-concebida e preconceituosa para uma visão que os torna sujeitos comuns, com dilemas e aspirações que não apresentam risco a priori aos demais (ROCHA, 2005).

#### **4. Cidade (des)conectada.**

Na tentativa de cercar a cidade, lançou-se a plataforma imersiva “Além do mapa”, realizada através de uma parceria entre o AfroReggae<sup>7</sup>, Google<sup>8</sup> e J. Walter Thompson<sup>9</sup>, usando a tecnologia de vídeo 360° para retratar a vida nas favelas cariocas. Através de

---

<sup>7</sup> AfroReggae é uma ONG que promove a justiça e a inclusão, através da arte, da cultura afro-brasileira e da educação, construindo pontes que unam as diferenças e sejam alicerces para a sustentabilidade e para a cidadania.

<sup>8</sup> Empresa que organiza as informações disponíveis na internet, tornando-as mundialmente acessíveis e úteis através da internet.

<sup>9</sup> A J. Walter Thompson Brasil faz parte da rede da marca de comunicação de marketing J. Walter Thompson Worldwid.

um conjunto de câmeras que capta imagens em todas as direções montadas sobre uma moto é possível acompanhar o deslocamento por morros e vielas passando pelos comércios e residências. Nas paradas do trajeto, vamos conhecendo moradores desses locais, que contam suas histórias, seus trabalhos e sonhos.

Esta plataforma traz inúmeros componentes interativos, como intervenções gráficas que fornecem informações complementares, tais como fotos, áudios e textos. Há também uma opção de navegação por um mapa, escolhendo as histórias a partir do local de moradia das personagens. Sendo assim, para este estudo fez-se essencial uma análise qualitativa do conteúdo da plataforma “Além do Mapa” com base nas seguintes categorias de análise: personagens e com quem vivem, histórias que foram apresentadas, tema presente no discurso, instituições citadas, apresentador e suas falas, além das locações gravadas. A partir desta análise origina-se um quadro relacional entre o material decupado e as produções bibliográficas estudadas.

Sendo assim, pode-se perceber que a partir da forma como a tecnologia foi utilizada constata-se a tentativa em adotar uma abordagem cujo lema é do *solvitur ambulando*, como no conto “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro” de Rubem Fonseca, no qual se opta “por uma enunciação pedestre caracterizada pela horizontalidade” (GOMES, 2004). Essa expressão significa, literalmente, resolver andando, ou seja, acredita-se que caminhando pensa-se melhor, encontrando desta maneira, soluções para os seus problemas. O próprio Jonathan Haagensen<sup>10</sup>, narrador/apresentador da plataforma, afirma sobre o caráter dividido da cidade do Rio de Janeiro e propõe que nos surpreenderemos ao entrar e conhecer de perto as comunidades:

O Rio é uma cidade dividida, tem um lado que todo mundo conhece: Copacabana, Ipanema, mas tem um outro lado, o das favelas. A cada cinco pessoas, uma vive nas favelas. E quando você olha o mapa de perto do Rio de Janeiro a maioria das favelas ainda são um buraco cinza no mapa, como se não tivesse nada. Algumas pessoas pensam que favela é só crime, violência e drogas. Afinal é isso que a gente vê nas notícias. Mas para você descobrir o lado que não é mostrado, você vai ter que entrar e entender como vivem as pessoas que moram nas comunidades.

---

<sup>10</sup> Jonathan Haagensen é um ator e cantor brasileiro, nascido e criado na comunidade do Vidigal, Rio de Janeiro.

Tal abordagem se torna possível através da utilização do vídeo em 360°, ou seja, um tipo de vídeo gerado através de uma técnica que consiste em captar imagens em movimento, mas ao invés de fazer recortes espaciais de enquadramento, como no cinema e na televisão, captura todos os ângulos possíveis de serem vistos e percorridos durante o andamento do vídeo. Esta técnica permite ao usuário movimentar-se em torno de um eixo e visualizar os conteúdos a partir de ângulos diversos, em qualquer momento, podendo inclusive mudar de direção e até mesmo de espaço, possibilitando ao usuário uma experiência de mais imersão.

Neste sentido, a mediação tecnológica emula um posicionamento espacial, uma presença física, ou seja, “é como se o usuário estivesse situado em um espaço e suas possibilidades de olhares, por meio do movimento dos olhos, pescoço e em volta de si, enxergassem as imagens em movimento do universo posto na tela”. (MÉDOLA & OLIVEIRA, 2016, p. 9).

Neste sentido, o vídeo em 360° integrado a um espaço de hipermídia, como a internet, fornece mecanismos interativos flexíveis que permitem navegar de forma mais integrada em uma nova dimensão de espaço e tempo. Através dessas possibilidades que proporciona acaba-se redefinindo o nosso conceito de narrativa, conforme afirmou Lev Manovich:

O “usuário” da narrativa atravessa um banco de dados e segue links em seus registros, conforme estabelecido pelo criador do banco de dados. Uma narrativa interativa (que pode, também, em analogia ao hipertexto, ser chamada de hipernarrativa) pode então ser entendida como a soma de trajetórias múltiplas por meio de um banco de dados. Uma narrativa linear tradicional é uma entre tantas outras trajetórias possíveis, ou seja, uma escolha particular feita dentro de uma hipernarrativa. (2015, p.14)

Observa-se, portanto, que ao permitir a navegação no ambiente representado, este dispositivo audiovisual panorâmico amplia as possibilidades de textualização, o que significa dizer, que “os elementos visuais que estarão na tela (espaço) no decorrer do vídeo (tempo) dependerão também da orientação visual escolhida pelo enunciatário para serem visualizadas”. (MÉDOLA & OLIVEIRA, 2016, p.9).

Neste sentido, esta navegação configura uma espécie de montagem especializada, fazendo uma analogia ao pensamento proposto por Dubois sobre instalações, ou seja, “a

narratividade espacial implica pensar a ação física do espectador (seu percurso) como performance”, (DUBOIS, 2014, p. 147), ou seja, é “possível dar ao destinatário do vídeo 360° o poder de mudar a sua orientação em um espaço com possibilidades visuais, e permiti-lo criar a sua ordem de elementos à medida que decide onde focar a sua atenção.” (MÉDOLA & OLIVEIRA, 2016, p.10).

Aqui, percebe-se que através desta nova lógica de linearidade o poder cedido ao destinatário não é irrestrito, ou seja, apesar de uma liberdade textual de navegação e criação de narrativas, ele continua tendo acesso apenas ao que o emissor coloca no enunciado, em outras palavras, a colocação discursiva obedece a uma “orientação fixada a partir do interesse do sujeito que comanda a interação, o enunciador” (OLIVEIRA, 2013, p.245).

Ao permitir que qualquer um “entre” na favela, através de suas escolhas interativas, o “Além do mapa” tenta aproximar e ressignificar as favelas a partir de suas experiências e falas, mostrando um desejo de integrá-las à cidade. Esta ferramenta apresenta-se com uma tentativa de mudar a narrativa até então vigente, apresentando o diferente como aquele cujos critérios estéticos são apenas outros.

Dentre uma das histórias apresentada encontramos a do jovem Luís, morador do Complexo do Alemão, que mudou sua vida através do vídeo game de dança, aprendendo a lutar pelos seus sonhos. Enfrentou o preconceito, mas teve o apoio de professores e da mãe, tornando-se bailarino. Segundo a fala da própria mãe, Luís provou que "favelado também tem chance, é só querer" o que é complementado pelo próprio apresentador, "o que mais eu gosto nele é que ele sabe o que quer e trabalha muito para realizar os seus sonhos. Aqui é assim, a gente tem que trabalhar muito para conquistar as coisas na vida.”.

Outra história contada é a da Paloma, moradora da favela da Maré, que "tem o sonho de mudar a vida do morro através de inteligência artificial". Resolveu cursar ciência da computação na UFRJ, até então o curso não tinha ninguém da favela. Em seu discurso, mostra a dificuldade que foi para conseguir esta vaga e que a luta é diária, segundo ela, "para firmar que a gente tá ali, que a gente existe e que fazemos parte da cidade".

Outro personagem é o Ricardo, da Rocinha que ganhava sua vida como baloeiro<sup>11</sup> na favela e hoje "ganha a vida no mar". Montou uma escola de surf para ajudar as crianças da favela a não se envolverem com o tráfico. Não tem lugar para morar e dorme na própria escola.

Um dos episódios apresenta ainda alguns artistas do Vidigal, "referência em desenvolvimento entre as comunidades do Rio" patamar alcançado pelo empenho de algumas pessoas em "transformam a comunidade em um lugar especial" como as "Morenas de sol<sup>12</sup>", "Nós do morro<sup>13</sup>" e o "AfroReggae".

Percebe-se, através destas histórias, uma tentativa de valorização da favela e seus moradores como pertencentes à cidade. Entretanto, até mesmo na própria ambiguidade que o nome desta plataforma sugere, "Além do mapa", já se observa que esta representação da favela afirma o seu caráter de local que está fora do acesso, para além do mapa, talvez até mesmo fora do alcance físico e que para entrar, a melhor forma é através de uma tela de computador, na segurança e conforto de sua casa, e apenas a alguns cliques de distância e com possibilidade de acesso reduzida.

Além desta questão, algumas outras nos deixam atentos e convidam às reflexões. Existe algum interesse na tentativa de representar a favela para o mundo, em um momento de visibilidade ocasionada pelos grandes eventos na cidade do Rio de Janeiro, inscrevendo-a como um espaço criado pelo próprio ser humano, através da superação dos obstáculos? Nesta ressignificação das favelas a partir de suas experiências e falas, apresenta-se um desejo de integrá-las à cidade, mas que também pode estar encobrindo problemas sociais, apontando para um ambiente em que se está exposto às mesmas misérias de uma cidade sem governo, decorrente da inobservância do direito à cidade? Ao utilizar um determinado discurso para encobrir ou minimizar problemas sociais, está se abarcando a complexidade do tema e das diferentes comunidades que compõem o cenário carioca?

O problema é complexo e merece um estudo aprofundado, mas cabe por agora uma reflexão e um destaque para a importância de entender que há no urbano uma

---

<sup>11</sup> Soltar balão com fogos de artifícios para comemorar aniversário de traficantes, algum falecimento ou soltura de alguém da prisão.

<sup>12</sup> Banda de percussão feminina que entrelaça a música, a dança e o teatro com influências coreográficas de street dance, jazz, dança contemporânea e ritmos Afro- Brasileiros.

<sup>13</sup> Fundado para oferecer formação técnica a jovens da comunidade do Morro do Vidigal, Rio de Janeiro, o grupo dirigido por Gutu Fraga alterna a montagem de textos clássicos e criações coletivas.

multiplicidade de práticas prestes a transbordar de possibilidades alternativas, assim como possibilidades múltiplas de narrativas e que, como mostrou David Harvey:

Os que constroem e mantêm a vida urbana têm uma exigência fundamental sobre o que eles produziram, e que uma delas é o direito inalienável de criar uma cidade mais em conformidade com seus verdadeiros desejos, chegaremos a uma política do urbano que venha fazer sentido. “A cidade pode estar morta”, Lefebvre parece dizer, mas “Longa vida à cidade”. (HARVEY, 2014, p.21).

## 5. Referência Bibliográfica

AMARAL, L. **O Imaginário do Medo: Violência Urbana e Segregação Espacial na Cidade do Rio de Janeiro**. Contemporânea. Ed. 14, vol. 8, n. 1, 2010, p. 34-45.

ARIAS, E. D. **Drugs and Democracy in Rio de Janeiro. Trafficking, Social Networks and Public Security**. United States of America: The University of North Carolina Press, 2006.

BAGCHI, B. **The Politics of the (im) possible: Utopia and Dystopia Reconsidered**. SAGE Publications India, 2012.

BAUMAN, Z. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Zahar, 2009.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989.

CALDEIRA, T. P. **Enclaves fortificados: a nova segregação urbana**. Novos Estudos CEBRAP 47 (1997).

DIDI-HUBERMAN. **Coisa pública, coisa dos povos, coisa plural**. A república por vir. Silva, Rodrigo (org.). Lisboa: fundação Calouste Gulbenkian, 2011

DUBOIS, P. **A questão da "forma-tela": espaço, luz, narração, espectador**. In: GONÇALVES, O. et al. *Narrativas Sensoriais: Ensaios sobre cinema e arte contemporânea*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014. p. 123-157.

ENGELS, Friedrich. **The Housing Question**. Nova York, International Publishers, 1935.

FERNANDES, F. L. **Os discursos sobre as favelas e os limites ao direito à cidade**. Cidades, Presidente Prudente 2, nº3, 2005.

- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. São Paulo: Grupo Gen, Forense Universitária, 2012.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Trad. e org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- GOMES, R. C. **Cenas urbanas: identidades em fragmentos e crise da representação. Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004.
- GONÇALVES, R. S. **Favelas do Rio de Janeiro: História e Direito**. Rio de Janeiro: Pallas – Ed. PUC-Rio, 2013.
- GUMPERT, G.; DRUCKER, S. J. **The mediated home in the global village. Communication Research**, v. 25, n. 4, p. 422-438, 1998.
- HALL, S. **Cultura e Representação**. ITUASSU, A. (org.) Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: Apicuri, 2016.
- HARLEY, J. B. **Deconstructing of map**. Cartographica The International Journal for Geographic Information and Geocisualization1, p.1-20, 1989.
- HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins, 2014.
- JACOBY, R. **Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica**. Tradução de Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MÉDOLA, A. S. L. D., & DE OLIVEIRA, B. J. Audiovisual Panorâmico para dispositivos móveis: reconfigurações em tela, imersão e instância narradora. XXV Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, de 7 a 10 de junho de 2016.
- MANOVICH, Lev. Banco de Dados. **Revista ECO-Pós**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 7-26, jul. 2015. ISSN 2175-8689. Disponível em: <[https://revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos/article/view/2366](https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2366)>. Acesso em: 12 Mai. 2017.
- OLIVEIRA, A. C. **As interações discursivas**. In: OLIVEIRA, A. C. (Ed.). **As interações sensíveis. Ensaio de sociossemiótica a partir da obra de Eric Landowski**. São Paulo: CPS e Estação das Letras e das Cores, 2013, p. 235.
- PARK, Robert. **On Social Control and Collective Behavior**. Chicago University Press. Chicago, 1967.
- PECHMAN, R. M. **Cidades estreitamente vigiadas. O detetive e o urbanista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- PERLMAN, J. E. **O mito da marginalidade: favelas e políticas no Rio de Janeiro**. Coleção Estudos Brasileiros, v.18. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- RANCIÈRE, J. **Un droit à l'image peut en chasser un autre**. 1999, Chroniques des temps consensuels, Paris, Le Seuil, 2005, p. 17-18.
- RIBEIRO, L. C. de Q. **Dos cortiços aos condomínios fechados. As formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/FASE, 1997.

ROCHA, A. **Cidade Cerzida: a costura da cidadania no Morro Santa Marta**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: Pallas, 2012.

ROCHA, A. **Um olhar comunitário sobre a cidade**. In: A cidade e as formas de viver. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005, v.1, p.111-126.

ROCHA, S. M. **Debate público e identidades coletivas: a representação de moradores de favela na produção cultural da televisão brasileira**. Intexto 14 (2006): 30-51.

SCHWARZER, M. **Ghost wards: the flight of capital from history**. Thresholds, p. 10-19, 1998.

SILVA, D. C. N. da, **O Futuro como História: Utopia e Ficção Científica**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, Julho 2011.

SILVA, G. M. da. **A cidade e o caos: uma leitura do contemporâneo**. Rio de Janeiro: Maxwell, 2009.

SOUZA, M. L. de. **O desafio metropolitano. Um estudo sobre a problemática sócio espacial nas metrópoles brasileiras**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VALLADARES, L. do P. **A invenção da favela: do mito de origem à favela**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.

VENTURA, Z. **Cidade Partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.